



NUNO CAMARNEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

PORQUÊ?

Crianças e cientistas têm em comum uma interminável vontade de perceber o porquê de tudo. Será isso estranho?

Uma das características mais marcantes das crianças é a sua capacidade de questionar e de pôr tudo em causa: Porque é que a Terra anda à volta do Sol? Porque é que os cães ladram? Porque é que temos de beber água? Porque é que não podemos viver para sempre? Esta incessante busca de sentido torna-as fascinantes e, há que o admitir, também um pouco fastidiosas. Mas a curiosidade é sinal de inteligência e vitalidade, perguntar e procurar respostas é próprio (e exclusivo) dos seres humanos, é o que nos permitiu criar a civilização que temos e as suas manifestações mais nobres: a ciência, a filosofia, a arte e a literatura.

Todos os cientistas são em parte crianças, assim como os escritores. Se não fossem deixariam de fazer perguntas, contentar-se-iam com o que lhes foi dito sem causar grandes incómodos aos outros ou a si mesmos. As crianças não aceitam um “porque sim!”, mesmo que venha de uma autoridade (o pai ou a mãe, um professor ou o médico de família) e os cientistas e os escritores também não. Na verdade, o objetivo da ciência, da arte e da literatura é precisamente o de causar incómodo, de testar as tais respostas da autoridade, de retirar o tapete debaixo dos pés da certeza e do dogma.

Nas sessões que costumo fazer em escolas, os alunos perguntam-me com alguma frequência, “Porque é que escreve?”, e admito que não tenho uma resposta satisfatória. Fui tentando algumas: “Porque quero saber mais de mim e do mundo, porque não posso deixar de o fazer...”; Mas

talvez a resposta mais honesta seja simplesmente: porque gosto de ler. Não só gosto de ler como alguns dos momentos mais felizes da minha vida chegaram através da leitura: a descoberta de Kafka, de Pessoa, e de Jorge Luís Borges, a primeira vez que li o *Dom Quixote*, quando consegui dominar suficientemente o italiano para ler Italo Calvino no original.

Algo semelhante poderia ser respondido por um cientista à pergunta “Porque é que faz ciência?”, talvez simplesmente porque, em algum momento das suas vidas, todos os cientistas se tenham deslumbrado com a ciência de outros: – Newton, Darwin, Einstein, Curie – e procurem fazer parte do mesmo mecanismo e da mesma busca.

No meu entender, não se trata exatamente de um ato de imitação ou da busca de glória e fama (seria mais simples entrar num concurso televisivo), mas de algo que suspeito ser muito mais profundo. Enquanto membros da espécie humana, somos confrontados com um enorme legado deixado pelos nossos antepassados, um testemunho que nos excita a vontade, que nos traz a responsabilidade de respeitar esse património, mas também de o pôr à prova e de o aumentar. Talvez não venhamos a ser Dante, ou Cervantes, ou Einstein, mas podemos tentar, devemos tentar! Certamente daremos algum contributo para o conhecimento e para a arte, talvez até, com muito esforço e alguma sorte, consigamos um dia responder a uma pergunta. Por mim, não poderia pedir mais.